

NOTA EXPLICATIVA:-

Este trabalho a que esta nota se refere, como se o pode ver pela sua leitura, foi feito por Vivaldo Fagundes, camarada algarvio e como ele mesmo explica emigrou para a Argentina e ali ^{se} integrou na luta social com a paixão e coragem que efectivamente emprestava à sua actividade. Como se depreende pela sua leitura trata-se de uma resposta de um QUESTIONÁRIO feito por Marques da Costa e envolve aspectos e fala de um outro militante português, Germinal de ~~X~~ousa, que tudo somado e ainda devido à circunstância de já todos terem morrido, dá ao trabalho certo interesse e obriga-me à redacção desta Nota! Faça-o porque me julgo talvez em condições de o poder fazer e embora em forma sucinta considero minha obrigação fazê-lo, crente que prestarei à história do nosso Movimento algum serviço, pois creio que dos sobreviventes ninguém o poderá fazer e qualquer dos supracitados ELEMENTOS merecem um apontamento biográfico ou, neste caso, uma explicação do que foram, como foram e porque foram. A todos conheci e com todos lutei, facto que aliado ao propósito de imparcialidade e obrigação de ser verdadeiro como aliás em tudo que desejo legar à história, será para ti, especialmente para ti, como historiador, facto relevante e eis tudo...

O Vivaldo conheci-o muito bem, trabalhei com ele nos últimos extrepuchos do nosso movimento e é justo prestar-lhe justiça atribuindo-lhe qualidades de trabalho, entusiasmo e espírito de sacrifício invulgares e que só por si são nota importante do seu carácter, da sua vida! As nossas relações quebraram-se em certa altura para nem mais se reatarem e o facto em si é mais para lamentar e incluso mesmo a minha conduta em relação ao Valdo, mas também tenho muitos defeitos e a atitude que tomei em relação ao Valdo (assim lhe chamávamos entre nós), pode ter sido ditada por um pouco de capricho, ainda que se explique e dada sua importância, não resisto à tentação de uma explicação, que não deixa de ter certa importância de aqui figurar. --

Em 1956 era eu presidente da A. Geral da Incrível (Sociedade Filarmonica Incrível Almadense), facto que talvez não surpreenda ninguém que me conheça, sabendo-se que tive sempre o propósito de intervir em todos os movimentos associativos de carácter popular, desejei sempre ^{prezante} intervir onde houvesse povo, gente simples e de trabalho. Não é de mim que quero falar mas desculpa exactamente esta explicação, que sem ela talvez se não percebesse a coisa e é, em certa medida, também um episódio que vale a pena relatar e tanto mais que foi à base dele que cortei relações para sempre com o Valdo. Dizia eu que era dos C. Gerentes da INCRÍVEL e fui convidado por um grupo de elementos da Oposição de Almada para fazer parte de uma Comissão que promovesse uma sessão para comemorar o CINCO DE OUTUBRO de 1956. Claro que não aceitei fazer parte dessa comissão, mas não pude voltar costas a algumas impli



NOTA EXPLICATIVA

cações que o convite tinha, e incluso pela importância do acontecimento e da amizade e consideração que me mereciam as pessoas que ~~me~~ me convidavam. Acresce que tudo estava pensado para ser utilizada a sede da INCRÍVEL e este facto, creio, mais pesava para a insistência do convite à minha pessoa. Além disso os proponentes desejavam dar ao acontecimento certa ~~px~~ projecção ^{popular} e entendiam que com a nossa intervenção a coisa estaria certa, mas nós não pensávamos assim e não aceitámos o convite. Entretanto fui dizendo que estava na disposição de dar o meu apoio e dentro da Incrível tudo faria para que não ocorresse nada que afectasse a sessão. Claro que a minha posição era assás delicada, mas fiz o possível por não proceder menos coerentemente comigo mesmo e com as idéias, circunstância que me arrastou para uma conduta ~~algo delicada~~ ^{um pouco melancólica}, mas que, felizmente, dela me desentrasquei e, toda a gente o soube, em condições que, modéstia à parte, em nada me envergonham. Convém dizer que mesmo recusando me incluíram na comissão e lista dos possíveis oradores da sessão, pois tudo foi organizado com certa antecipação e conhecimento público... O certo é que tudo correu e até ao momento derradeiro da minha intervenção na sessão nunca tinha pensado intervir e fi-lo por circunstâncias excepcionalmente imprevistas. - A coisa deu-se assim: - Chegou o dia e hora e já a casa ^{estava} cheia e o palco abarrotando de gente e eu encontrava-me na sociedade mas em lugar onde visse o ^{que} se passava e ia dizer mas sem desejar ser notado ou visto. O pior é que ~~x~~ em certa altura é, ~~chamado~~ ^{chamado} pelo presidente da comissão ~~ya~~ a comparecer perante o palco o presidente da Assembleia Geral da Sociedade, porque é da praxe e estatutes e aí tive que aparecer, mas ainda sem propósitos de intervir na sessão, como sempre o ~~havia~~ ^{havia} pensado. Entretanto estou em pleno palco e tomei, como é habitual, o lugar que é destinado ao lugar que eu representava. Entretanto o Dr. H. Pires, que foi quem em nome da Comissão abriu a sessão nomeou para a presidir o Dr. Câmara Reis, fui indigitado, pela minha função, a sentar-me ao lado de C. Reis e do outro lado Rodrigues Lapa. Poderia constituir para muita gente uma honra mas eu não me senti muito à vontade, embora ali estivesse... Entretanto os oradores foram se sucedendo e em certa altura é-me dada a palavra e, sinceramente, com minha surpresa e não menos atrapalhação... Mas a verdade é que ali estava e não tive outro remédio senão intervir. Poucas vezes me tenho visto tão atrapalhado e a dezasseis anos ainda pasmo como tive coragem e arte para me safar da ~~x~~ enrascada. A verdade é que me safei e para honra das nossas idéias e dos nossos princípios fiz um discurso dos mais felizes que fiz na minha vida e que ^{me} orgulho de ter feito em circunstâncias tão especiais e num ambiente de tanto relevo. Confesso que foi uma autêntica proeza se se considerar tudo que se passou, dado que fiz um discurso inflamadíssimo e onde as nossas idéias foram ressaltadas e em modos perturbantes para o tempo e

e tudo mais que se queira considerar. E a propósito quero dizer-te que embora não seja um "fala barato", digamos, digo-o sem vaidade mas com prazer, fui, ao longo da minha vida, um dos que jamais deixei de me afirmar e em abono da verdade o digo, embora sob o peso de uma ditadura ferrenha e que a ninguém perdoa ou releva a ousadia de a combater, reivindiquei o direito de ser eu mesmo e tenho no meu efectivo a nota agradável de jamais me negar e quase sempre senão sempre me afirmar o que sou e porque sou. Dizia eu que ^{esse} meu discurso deu brado, desculpa a insistência e imodéstia, não só pelo sentido que tinham as minhas palavras de exaltação e defesa da liberdade, mas pela firmeza e convicção como as produzi! Houve camaradas nossos que assistiram e em pleno palco fui abraçado por C. Reis e outros, que não conhecia pela coragem de uma alucção que só eu me atreveria a fazer... Pois bem, os jornais do dia seguinte deram a notícia e ressaltam a importância do facto e até mereci a honra de um artigo de fundo, embora a dar-me porrada, mas o nosso Valdo é que não esteve de acordo comigo e sem saber bem como tudo se tinha passado tomou a coisa de uma maneira e com aquele atrevimento e inconsciência que às vezes ^{Re} eram peculiares estreme-me uma carta e nada que estivesse certo me chamou e até me confundiu com qualquer ^{visageminho} ~~visageminho~~, como ele mesmo dizia, facto que muito me aborreceu e que não lhe releviei. Não lhe respondi à carta, ela mesma estava redigida em termos de não merecer resposta, mas ainda o pior do sucedido foi que o nosso Valdo não contente com o insulto que me fazia, estou a falar de mortos, mas a história precisa da verdade, multiplicou essa carta e fé-la distribuir por muitos camaradas, facto este que deu a nota pecaminosa do Valdo e que não lhe perdoei, pois mesmo que tudo se passasse como ele imaginou, a coisa não estaria certa, pois a ninguém utilizava e só a inimigos poderia convir, na mediada em que se tratava de uma carta que visava esfarrapar demolir ou procurar desacreditar-me como anarquista e só aos nossos inimigos isso poderia convir... Não levei a bem e embora ressonância nenhuma tivesse não perdoei ao Valdo ^o destempero... Um dia o A. B. insistiu comigo para que reatássemos relações e até tínhamos recíprocas responsabilidades em tarefas de organização, mas nem mesmo assim, o B. não me levou a bem... Coisas da alma humana e embora tenha sido sempre tolerante e a prová-lo está o facto de ser uma pessoa de imensas relações e em todos os campos possuir amigos e quase que me considero um cultor da amizade...

Este episódio serve apenas para ilustrar uma explicação acerca da personalidade do Valdo e não há dúvida que embora tivesse qualidades apreciáveis tinha o grande defeito de ser um pouco sectário e fechado e quando desamava era tão violento como afectivo quando amava... Foi na verdade durante ^{os} últimos anos um dos elementos mais activos do nosso movimento, embora a sua actividade não tivesse tido a eficiência que poderia ter se

tivesse sido um pouco mais tolerante, compreensivo. Neste trabalho o Valdo revela na verdade um pouco ^{do} seu temperamento, ainda que eu mais ou menos concorde com ele nas razões onde baseia o seu azedume, pois todo o trabalho está escrito num tom dir-se-ia escaldante, mesmo drástico. Não vivi os acontecimentos de Espanha, mas conheço-os de sobra para reconhecer que ele tem razão, simplesmente isso não tira que nos assiste o dever de interpretar certa exaltação apaixonada como o Valdo se refere a alguns camaradas que intervieram nos quadros governativos do governo espanhol durante a guerra civil, nomeadamente a F. Montseny, que com certa nobreza rectificou a sua posição e explica que ter aceite intervir no governo deve-se ao facto de a terem empurrado razões de organização. O que diz do Germinal de Sousa também o poderia fazer doutro modo e em termos menos agressivos, ainda que compreenda que a função, certas funções, embotam muitas vezes a sensibilidade das pessoas e o Germinal deve-se ter perdido um pouco ^{embrenhado} nas tarefas secretariais da F. A. I. e não lhe ter dispensado a atenção que ele merecia. Conheci também o Germinal de Sousa e era portador ou tinha propósitos que vistos à luz das idéias não estavam bem e aqui ainda eu compreendo a razão de alguns reparos que a atitude do Germinal de Sousa, no caso concreto do Valdo merece... Conheci também muito bem Germinal de Sousa e sendo filho de um grande militante do nosso Movimento não tinha a garra do pai nem aquela escrupulosidade que um militante tem que observar pela vida fora. Também não se o poderia considerar um anarquista convicto e cem por cem defensor dos princípios e acatador das regras de convivência anarquista. Fui sempre amigo do Germinal, mas a verdade é esta. Toda a sua vida mesmo, vista à base de um critério idealista, não constitui exemplo edificante e embora tenha realmente tido algum valor e tenha sido de certo modo activo, tinha certas limitações que bem vistas teriam determinado a seu respeito certas reservas e evitado de lhe terem dado tarefas para as quais não estaria à altura. Este é o caso e é aqui onde o Valdo encontrará razão aos reparos que faz do Germinal.

O Valdo, temperamentalmente falando, era pouco maleável e a tolerância creio que sempre a tratou mal. Fiz com ele parte do Concelho Confederal e do Comité Confederal, lembro-me muito bem como era violento na defesa dos seus pontos de vista e como subestimava sempre o modo como os outros encaravam os problemas. Este seu feitio reflectia o peso da influência dos anos de luta que viveu na Argentina e especialmente aquelas lutas entre camaradas que nos anos trinta ali se viveram!... Aqui entre nós a coisa também se observou e o Valdo sofria grandemente de uma intransigência que às vezes ou sempre desorientava. Vi-o em conflito com muitos camaradas e sempre que assim acontecia nada se aproveitava dos que lhe caíam em desagrado. M. da Costa, Carlos Crus e tantos outros foram objecto da sua antipatia e o que deles dizia não o honrava nada nem resultava benéfico para nin-

guém. Em certa altura, imediatamente a 945, surgiu a hipótese para certo suer-
guimento do nosso Movimento e o Valdo foi um dos que muito trabalhou para
isso, tendo-se observado um ressurgir de actividades que parecia dar firmeza
a certa continuidade na luta. O Valdo deve ter contribuído muito para isso,
mas não creio ser menos verdade ter também contribuído para tudo se desmoro-
nar. Sou dos que vivi tudo bem de perto e a minha presença sempre se fez sen-
tir e se não estou enganado foi assim como enuncie. Julgo que posso falar as-
sim, porque é verdade e se nunca tomei partido por ninguém no sentido indivi-
dual, já vinha, desde o Terrafal, engastado das lutas de indivíduos e de grupi-
nhos que nos apoucavam e enfraqueciam... Agora em liberdade e em contacto com
as exigências da luta não me deixei arrastar para campos restritos ou mera-
mente pessoais, para ser antes o homem de princípios que sempre desejei ser!

Neste trabalho o Valdo, além de certo azedume que denota, mesmo em rela-
ção a Marques da Costa, pareceu-me objectivo e o rumo que deu ao seu informe
não esteve mal nem as suas conclusões no seu todo estarão mal. Compartilho
do seu critério e foi no Valdo o ponto mais positivo da sua doutrinação. É
certo que poderia ter um cunho menos sectário e dogmático, mas a convicção
e firmeza como se esgrime na defesa dos princípios dá-lhe expressão, cunho,
importância.

O Marques da Costa também aqui ficou vincado nos seus propósitos de algo
fazer em benefício das idéias e da luta e a urdidura do seu questionário é
de certo modo a prova do seu valor e interesse. Era assim o Marques da Costa,
pena talvez não se ter dado mais e a todos ter feito o que em relação ao Vi-
valdo e revolução espanhola fez. E a propósito lembro que vim do Terrafal e
quando cheguei alguma coisa se poderia ^{esperar} ~~esperar~~ que nos perguntassem e nunca
nada nos perguntaram e foi pena porque ~~se~~ ^{nada nos} perguntaram e nós nada dissemos!.

Eis a nota, que saiu demasiado avantajada, mas que fiz questão de
ta enviar junto ao trabalho do Valdo que darás o rumo que as circunstâncias
te aconselhem...

R.P. = O Valdo foi morrer em Barcelona,
oreio que em 1960